

GUEDES, André Dumans. **O trecho, as mães e os papéis. Etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás.** São Paulo: ANPOCS; Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

Candice Vidal e Souza

Quem não caminha não conhece

Os deslocamentos de pessoas, coisas e ideias são fenômenos registrados e interpretados pela geografia e pelas ciências sociais em numerosos estudos. Em tempos recentes, porém, as práticas e sentidos associados ao movimento têm recebido aproximações analíticas inovadoras. Vemos aparecer novos problemas investigativos associados a um pensar nômade e à definição de uma metafísica nômade, em contraste com uma metafísica sedentária. A pesquisa de doutorado de André Dumans Guedes, vencedor do Prêmio ANPOCS em 2012, segue o curso desta novidade no horizonte das disciplinas interessadas nos trânsitos pelo espaço.

A viagem etnográfica de Guedes se destina à cidade de Minaçu, em Goiás, onde se aproxima de uma vigorosa constelação de experiências de deslocamento (na cidade, no mundo), acompanhadas de falas e vocabulário que nomeiam ao pesquisador uma forma de viver e de conceber o que é a existência como prática andeja: movimento de pessoas e de coisas em transformação. O pesquisador se demorou na cidade cerca de seis meses, divididos em três viagens de trabalho de campo nos anos de 2008 e 2009. Acompanhou alguns de seus interlocutores em cursos de formação de militantes do Movimento de Atingidos por Barragens (MAB) que aconteciam fora de Minaçu. Estando lá, pôs-se a conversar em trânsito pela cidade, sobretudo a pé, modo de deslocamento usual dos mais pobres, sobretudo das mulheres que “correm atrás”. O antropólogo esteve sempre disposto a andar como as pessoas do lugar com quem convivia mais de perto. Mesmo em descanso, parado numa casa, em um bar ou na secretaria do MAB, o assunto da conversa eram os deslocamentos próprios e de outros conhecidos, os tempos da aventura e suas razões, os lugares conhecidos, a queixa em relação à redução das oportunidades de *movimento e agitação*.

A primeira passagem do antropólogo por Minaçu foi resultante de outra pesquisa sobre os jovens militantes do MAB. A cidade goiana se distinguiu das situações mais comuns em que camponeses e pequenos proprietários deixam suas terras, pois os garimpeiros eram o grupo principal de atingidos pela barragem de Serra da Mesa.

De volta a Minaçu, Guedes é enredado em uma trama de pesquisa que coloca a preocupação com a organização política cotidiana do MAB naquela localidade em posição secundária e converte a “cidade, a vida cotidiana, a economia e a ‘cultura do povo’” (p. 29) no centro da investigação. Registrando as narrativas de deslocamento, o conteúdo das descrições e a emoção investida no falar de andanças de homens e mulheres, o pesquisador apresenta os contornos de uma configuração moral específica assentada sobre o sentido e o valor da mobilidade.

O leitor é levado a conhecer o deslocamento como vivência que põe mundos simbólicos às claras, para além da ideia de uma mudança entre lugares (A para B), ocorrência excepcional e indesejada, normalmente provocada por condições econômicas adversas que obrigam as pessoas a abandonar sua terra de origem e a buscar a sobrevivência em áreas urbanas. Neste modo de pensar sociologicamente o movimento, esse ato é compreendido em sua excepcionalidade, em um quadro normativo no qual a sedentariedade é a regra e a decisão de partir vem de uma motivação externa ao sujeito. Os homens e mulheres com quem o antropólogo conversou falam de suas andanças com orgulho, distinguindo positivamente suas experiências de aprendizagem da vida por meio de deslocamentos físicos, sociais e ocupacionais múltiplos.

Essa gente *misturada*, andada e pobre chegou a Minaçu depois de percorrer um mundo que pode ir além, mas cujas rotas mais pisadas estão nas áreas polarizadas pela rodovia Belém-Brasília, suas conexões viárias e urbanas e as atividades econômicas que aí se desenvolvem (fazendas, barragens, garimpo, extração de madeira, castanha, construção de estradas e cidades). As pessoas que o pesquisador encontrou a partir de conhecidos na secretaria do MAB (seus vizinhos, amigos e parentes são personagens das travessias) vieram do Maranhão, Piauí, Goiás, Tocantins, Minas Gerais e Bahia.

O mapa de setas convergentes em direção a Minaçu (p. 49) mostra os principais locais de origem/nascimento dos interlocutores com mais de 40 anos nascidos em outras cidades. Como esclarece o autor, “a linha reta não implica um deslocamento direto entre os extremos, o trajeto de um ponto a outro sendo na prática sempre muito mais tortuoso e ziguezagueante” (p. 49). A meu ver, são exatamente estes cursos longos, com muitas paradas, que tornam essas vidas interessantes para uma empreitada etnográfica como a que foi realizada por Guedes e por outros pesquisadores com quem ele dialoga em busca do conhecimento sobre a “cultura da andança” (expressão de Antonieta Vieira) e as mobilidades populares registradas nos estudos sobre a fronteira, o campesinato, os movimentos religiosos e o trabalho gerado pelo agronegócio.

Desejar e viver o deslocamento e a transformação são temas repetidos nas falas transcritas. Eles se acompanham de outra parte dos projetos de vida: a consolidação das durações (a casa, ter *sossego*, cuidar dos filhos, o retorno à casa da mãe). Existe a tensão no ímpeto de sair *rasgando* no mundo para correr riscos em busca de mudanças, de melhorias para a vida sem sobressaltos, após as conquistas das coisas

e das relações que se considera parte da “boa vida”. O artesanato da escrita mantém a ambiguidade que essas situações e práticas possuem para os próprios sujeitos. Não se trata de pensar em polaridades excludentes, mas sim de conectar as partes do mundo que estão atadas: as febres e a mãe (capítulo 1); os lisos e os cativos (capítulo 2); o trecho e a família (capítulo 3); corridos e lidos (capítulo 4); o movimento e o social (capítulo 5). Aos poucos, o sentido de cada termo e de cada dimensão da vida em Minaçu e nos trajetos da vida de pais e filhos, homens e mulheres, patrões e empregados, vai se enchendo de vida no texto, nas fotografias de Dimas Guedes e na trilha musical, literária e etnográfica das epígrafes que nos transportam para certo Brasil.

Os moradores de Minaçu convivem com os sinais da presença mais ou menos intensiva de febres econômicas que se sucedem desde os anos 1960, quando a cidade é fundada e povoada com a descoberta da jazida de amianto. A cidade recebe a empresa SAMA, responsável pela extração mineral que produz o “pó branco”, aquele que adoece e mata, mas também dá emprego e faz a cidade crescer. Nos dias de hoje, a cerca da SAMA separa os domínios da empresa do resto da cidade. O autor retrata os dilemas envolvendo a chamada “mãe de Minaçu”, a quem se atribui a origem, a sobrevivência e a derrocada total, caso algum dia deixe a cidade de vez.

Minaçu também passou pela febre da cassiterita (na Serra Branca) e do ouro (nas margens dos rios Tocantins e Maranhão), esta última especialmente animada, chegando à cidade “gente de toda nação!”, como diz Alberico (p. 72). Nos anos 1990, a construção das barragens das usinas hidrelétricas de Serra da Mesa, Cana Brava e São Salvador transforma o município de Minaçu e seus vizinhos, trazendo *peões, barrageiros*, cabarés. Afinal, segundo outra observação de Alberico, “mulher anda também” (p. 84). Todos deixam dinheiro e fazem o movimento da cidade até irem embora, deixando às vezes alguns *barraginhos*, os filhos das moças de Minaçu com esses chegantes (alguns tão discretos que recebem o nome de *pés-de-pano*, dada a sutileza de suas “visitas”).

A categoria *febre* e as palavras associadas aos períodos de dinamismo econômico e de aceleração da migração para Minaçu remetem a situações empíricas que merecem investigação comparada. O termo efetua a “extensão metafórica” de sentidos e associações vinculados aos sintomas desencadeados pela malária” (p. 92); no entanto, a sua exploração analítica na comparação com registros de outros trabalhos permite concluir que o termo não se prende a contextos particulares, pois os sentidos nativos das categorias indicam que há “dinâmicas mais amplas no tempo e no espaço” (p. 94) a serem consideradas.

Enquanto as febres chamam à dispersão, convidando para a sombra provisória do emprego efêmero e do dinheiro que não arrima para sempre uma cidade, as mães são a garantia de enraizamento, do esforço para fazer permanecer a casa e a família em um mundo que a disposição para partir é tão natural, aspecto de uma “socialização para a mobilidade”. Elas ficam, assim como a SAMA ficou, apesar da passagem das febres e da atual falta de *movimento* da cidade

A distinção entre *lisos* e *cativos* aparece no capítulo 2, reencontrando a noção de *cativoiro* descrita nos estudos do campesinato e da fronteira nos anos 1970-1980. Aqueles que perdem sua liberdade de andar podem estar submetidos a várias modalidades de escravidão, no passado e no presente. Uma mesma pessoa pode vivenciar contextos diversos que transitam entre a máxima autonomia (o garimpo, as tropas de boiadas, o negócio próprio) e a submissão ao trabalho em que se pode ser mandado e humilhado (o canteiro de obras, o trabalho em fazendas).

Ao explorar os sentidos da oposição *lidos* e *cativos*, o autor apresenta a dimensão antropológica das transformações sociais, atentando para as relações específicas que as gerações mais velhas e mais jovens têm com as mudanças, estes últimos mais estudados que seus pais, com emprego disponível em tantos lugares uma vez que dispostos a *rodar*. Embora se encontre diferenças no modo como as gerações experimentam o *trecho*, o autor confirma que “o valor atribuído à mobilidade, à possibilidade de *correr* e desfrutar o *mundo*” (p. 164) é compartilhado entre todos esses homens.

O capítulo 3 envolve o leitor na tensão entre o trecho e a família, em busca da comparação de vários registros da figura do trabalhador do trecho, que encontra similares da experiência de mobilidade pelo trabalho não apenas entre os peões, mas também entre os engenheiros de grandes projetos. Ao tempo em que o autor aproxima e põe em diálogo estudos de vários momentos da abordagem das ciências sociais e da história aos processos de mudança no Brasil interior, reconhece que termos como *peão* exigem que seus vários sentidos sejam reunidos, percebendo-se “a coerência e a continuidade entre situações tão dispares” (p.187).

Nesse enredo de pesquisa, o antropólogo é conduzido pelo mundo nuançado nas histórias de Minaçu, levando-o a recusar soluções analíticas que assumam as categorias identificadoras de pessoas e suas condições como oposições estáveis. Tal é o caso da experiência de quem perdeu terra com a chegada das barragens e, logo em seguida, tornou-se empregado das firmas construtoras nos canteiros de obras. Portanto, *atingidos* e *barrageiros* não designam distinções nítidas na prática.

Em Minaçu, como em tantos lugares do Brasil, vemos as mulheres cuidando de sua casa e de seus filhos, enquanto os maridos caíram no trecho. Felizes se sentem aquelas que o marido manda dinheiro para casa, não tendo se perdido pelo caminho. Os homens que partiram não parecem se entristecer com essa condição móvel, pois que o trecho e seus encantos (veículos, bebidas, mulheres) podem ser entendidos como “espaço de constituição de certo tipo de sociabilidade masculina e viril, juvenil em certos aspectos” (p. 193). Sobre o trecho, sabemos do ponto de vista expressado à vontade entre homens – André e seus companheiros: “afinal de contas, a vida no *trecho* não reserva surpresas e possibilidades? Não é assim, *rasgando o trecho*, que se conhece o *mundo*, que aventuras e emoções as mais diversas e únicas são vividas? Só no trecho – me garantiram – é possível transar com uma japonesa; ver helicópteros transportando tratores ou aviões atirando na mata bujões de gás;

encontrar uma pessoa que come com o pé, ou uma gangue de marginais liderada por alguém sem as duas pernas (...)” (p. 193).

O argumento sugere a coexistência de trabalho e aventura, ao contrário, por exemplo, do que já se afirmou no estudo de Maria Sylvia de Carvalho Franco sobre os sertões, retratado como um “mundo vazio de coisas e falta de regulação” em *Homens livres na ordem escravocrata*. A explicação sociológica encaminhada pela falta, pela atribuição de anomia, provoca a impaciência de quem é conduzido pelo olhar nativo:

falar que o *mundo* é vazio de coisas é, do ponto de vista etnográfico, um absurdo: como que por definição, do ponto de vista nativo ele é caracterizado, ao contrário, pela pujança e pelo excesso. Certamente nele não abundam (ou não abundavam até pouco tempo atrás), *livros, documentos e leis*. Nele proliferam outras coisas: buracos e vãos, ruínas e trilhas, mistérios e maravilhas... (p. 264).

Apenas um pesquisador andarilho, “detetive mundial” como Seu Diamantino, definiu André, pode entrever o encantamento de um mundo tantas vezes descrito com tons tristes.

O antropólogo era mais um daqueles homens lidos, estudados, que vinham do Sul para realizar em Minaçu coisas como exploração mineral e engenharia de barragens. Tornou-se um amigo que pode entrar pela cozinha das casas, mas não deixa de ser um estranho. Saber ler e conhecer documentos e meios de chegar aos direitos era um recurso fundamental no universo da secretaria do MAB, por excelência o lugar de combate dos pobres pelo reconhecimento de direitos. Nesse local o pesquisador se demora, observando os movimentos e compreendendo as transformações do papel do MAB entre o ápice do movimento e a rotina do social.

O trecho que chama os homens ganha a força contrária das mães que resistem na manutenção de sua família, pela qual se deve lutar para fazer durar. São estas mulheres aquelas que esperam nas filas das cestas básicas, da ajuda que vem do governo, mas que se aventuram também junto ao movimento dos atingidos, por um projeto de vida melhor.

Por fim, o autor assume nas conclusões várias proposições que podem mover novas pesquisas no veio das mobilidades de nosso tempo. As feições da mobilidade sertaneja, que, para além de sua variação espacial e histórica, parece “persistir – por meio destas transformações – enquanto prática habitual, valor, estilo de vida e/ou modalidade de resistência” (p. 428). O “bandeirantismo popular” se realiza em soluções para “fugir do mundo” (os percursos milenaristas) e “fugir no mundo” (os caminhos pelo trecho). Práticas que realizam concepções cosmológicas que pensam a tudo e a todos – “os pobres e os ricos, os corridos e os lidos, as cidades, as febres, o cativo e suas imobilizações, o trabalho e a *sociedade*, o próprio movimento” (p. 440) – pela lente dos movimentos e durações. O texto que oferece “tensões sem

síntese” recusa operar com polarizações entre estabilidade (positiva) e deslocamentos (negativos), pois se deixa de fato conduzir pelo modo de fazer a vida nesse canto de Goiás.